

Quando será o dia do índio?

Jorge M. Silva Terena

A nossa luta pela sobrevivência vem desde o ano de 1500, quando Pedro Álvares Cabral veio parar nesta costa litorânea, dizendo ter descoberto um território, depois chamado Brasil, e, com grande surpresa, também descobriu que este lugar já tinha dono.

Muitos séculos antes disso, por volta dos anos 100 da nossa era, já estavam aqui os povos da língua Aruak que, entrando pelo corredor do Alto Rio Negro, se dispersaram por toda região, chegando até a baía do Rio Paraguai, onde hoje é Mato Grosso do Sul - eram povos agricultores, originários das planícies Colombianas e Venezuelanas. Hoje, encontramos nações da família Aruak espalhadas em grande parte deste território brasileiro, como os Terena, em Mato Grosso do Sul; os Meinaku, os Waurá e Yawalapiti, no Parque do Xingú; os Pareci e Salumã o Enawerê-nawe, em Mato Grosso; outros como Apurinã, Manchineri e os Kampa, no Acre; ao Norte do Amazonas, os Warekena, os Tariana e os Baré, em Roraima, os Wapixana.

Mas já foram encontrados traços da existência de civilizações bem mais antigas amontando os anos 300 da era pré-cristã. Eram povos do tronco linguístico macro-jê ou da família Jê. Povo de vida simples, mas de cultura muito forte

- viviam basicamente de cultivo do milho e da mandioca, além da caça e da pesca -, criaram fontes de resistência e luta contra a invasão portuguesa. Apesar da derrota dos Tupinambá, participaram ainda na Guerra dos Aimoré (Sul da Bahia), na confederação Cariri ou Guerra do Açú (no interior do Nordeste, Ceará e Rio Grande do Norte), na Confederação dos Tamoios (região litorânea sul), etc.. A cultura desse povo é notada em todas as áreas da cultura brasileira, desde a língua, palavras usadas como (Cuiabá, Caruarú, Quixadá), passando pelo artesanato (cestarias, cerâmicas e esteiras), pela música e dança (banda de pífanos e forró), chegando a hábitos alimentares (bijú, farinha de mandioca, milho).

Portanto, Pedro Álvares Cabral não descobriu o Brasil mas, sim, iniciou um processo de invasão e expulsão dos índios de seus próprios territórios. Desde então lutamos para expulsar os invasores das nossas terras. A ganância pelo poder e pela riqueza têm destruído o nosso povo sem respeitar a nossa cultura, nossas tradições, nossas crenças e nossos valores. A memória dos Povos Indígenas da América Latina e do Caribe nos deixou um recorde muito triste. Povos foram dizimados, a exemplo no México, que de 25 milhões de indígenas passaram para 750.000; na Ilha de

Cristóvão Colombo - hoje República Dominicana e Haiti, de 100.000, em um século passaram para 300 sobreviventes; no Brasil, de 5 milhões de índios, hoje restam apenas 350.000. Onde estão os Tupinambá, os Omágua, os Carijó, os Aimoré, os Guaianá, os Manau e tantos outros?

A invasão dos nossos territórios é legitimada em nome do "progresso", "crescimento econômico", "desenvolvimento", através de construção de estradas, hidrelétricas, exploração ilegal de minério e da madeira, projetos agrícolas e pecuárias, que causam a devastação das florestas e muitas vezes a extinção das comunidades indígenas. A Fundação Nacional do Índio indica que 84% dos territórios já demarcados sofrem graves interferências de toda natureza. A cobiça pelas terras indígenas é pelo fato da grande preservação da biodiversidade, que dizem ser o ouro do futuro. Qual é o valor desta biodiversidade para o mundo? Dizem que:

- 80% da população mundial se baseia diretamente nos produtos nativos das plantas medicinais;

- 40% da economia do mercado mundial se baseia diretamente nos produtos e processos biológicos;

- 40% do PIB dos Estados Unidos está baseado em espécies silvestres;

- a pirataria de direitos de patentes dos países do terceiro mundo a respeito dos países do Norte chega a uns US\$ 2.7 bilhões (software, farmacêuticos, etc.). No entanto, a pirataria do Norte sobre os conhecimentos do Sul chega a uns US\$ 5 bilhões, dos quais 20% são de plantas medicinais e o restante de recursos genéticos;

- 85% a 95% das necessidades dos povos indígenas são satisfeitas com base na biodiversidade.

Por essas riquezas os nossos recursos naturais estão sendo explorados ilegalmente, sem nenhum retorno para as nossas comunidades e estamos sendo afetados pela pobreza, pela destruição e pela negligência. Em toda a história, não respeitaram nossas vidas, não deixaram jamais termos algum direito, e agora não querem demarcar nossos territórios justificando que decretos são inconstitucionais. Mas será esta a verdadeira razão?

A se manter o mesmo princípio básico de exploração de séculos atrás, ou seja, em desenvolvimento pensado e dirigido do exterior, para onde vão os lucros e as riquezas minerais e vegetais, não haverá benefício algum para o povo brasileiro a não ser para uma escassa minoria de ricos e testa-de-ferro das multinacionais.

JORGE M. SILVA TERENA é técnico em Assuntos Culturais do ministério da Cultura

190

2